



**UFMG**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FAE)  
MESTRADO PROFISSIONAL EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA**

**PÉRICLES DAVY LIMA DA SILVA**

**ATOR-PROFESSOR E AS PRÁTICAS TEATRAIS NA EDUCAÇÃO:  
POÉTICAS ESPONTÂNEAS PARA OS ENTRE-LUGARES DO  
ENSINO MÉDIO**

Belo Horizonte  
2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FAE)  
MESTRADO PROFISSIONAL EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA**

**PRODUTO EDUCACIONAL**

**POÉTICAS ESPONTÂNEAS PARA OS ENTRE-LUGARES  
DO ENSINO MÉDIO**

Belo Horizonte  
2024

## **PRODUTO EDUCACIONAL: POÉTICAS ESPONTÂNEAS PARA OS ENTRELUGARES DO ENSINO MÉDIO**

O Promestre, programa onde foi desenvolvido este estudo, valoriza, dentre outras coisas, pesquisas acadêmicas vinculadas à prática, almejando, assim, uma interação direta entre problemas levantados por nós, pesquisadores, no que entendo, hoje, como uma relação entre Educação, vida e a sociedade. Isso, para mim, é fascinante e desafiador. E foi a partir disso que surgiu a necessidade da elaboração de um produto educacional.

Em 2022, quando eu tentei a vaga para ingressar no programa, eu apresentei um projeto para um produto educacional com um formato específico, a partir da minha realidade como professor-pesquisador em teatro, naquele momento. Na ocasião, minha investigação tinha uma proposta de um produto que seria um Caderno de Oficina intitulado "Estudos sobre ensino de Teatro na era da Cultura Digital: Exercícios, jogos, processos de criação artística e seus registros". Isso mudou. É maravilhoso entender como o tempo muda coisas, lugares e pessoas.

Para que você, leitor, acompanhe o percurso da criação e desenvolvimento desse produto, trago algumas considerações sobre ele, do que foi apresentado durante o processo seletivo para o mestrado:

A proposta do produto: *Caderno de Oficina: Estudos sobre Ensino de Teatro na era da Cultura Digital; Exercícios, jogos, processos de criação artística e seus registros*, é um produto para ser desenvolvido e compartilhado com professores de arte e de prática teatral na escola ou espaços educacionais públicos, e alunos do ensino médio da rede pública de ensino. O produto permite que os professores e alunos experimentem o teatro e o entendam a partir da era da cultura digital, tendo como suporte um diário em formato de caderno digital, que mostra os estudos sobre teatro e cultura digital a partir de exercícios de improvisação, jogos teatrais e processo de criação artística e seus registros. O produto se alinha a uma concepção de caderno digital interativo hospedado em site com ferramentas de ensino e aprendizagem como vídeos, fotos e textos. Partindo sempre de uma abordagem que dialoga e busca novas formas de metodologias artísticas educacionais. Qual o público que o produto quer atingir? Principais: Professores de artes, especialmente de teatro, da educação básica e alunos do ensino médio da rede pública de ensino. Secundários: Estudantes e demais profissionais das áreas de humanas; Coordenadores e diretores de escolas. Qual o formato do produto? O Caderno de Oficina: *Estudos sobre Ensino de Teatro na*

*era da Cultura Digital: Exercícios, jogos, processos de criação artística e seus registros*, tem como proposta de formato um caderno virtual interativo hospedado em um site de fácil acesso, com fotos, vídeos e links. Contará também com um canal exclusivo do produto no Youtube com registro audiovisual de processos de criação artística teatral dentro da sala de aula ou outros espaços educacionais a partir da oficina que será ofertada e estará sempre em constante diálogo com os estudos desenvolvidos durante o Mestrado Profissional em Educação da UFMG. O produto poderá ser acessado por todos os interessados em teatro e artes, com um conteúdo atual e acessível, inclusive com legendas e tradução em libras, acreditando sempre no ensino de arte no ensino médio como uma potente transformação humana e social. Entendendo durante esse processo com algo em construção e cheio de potencialidades, com o sentimento de estar sempre procurando solucionar possíveis problemas e sem perder de vista todo o caráter educativo do produto. Entendemos o produto aqui sugerido como parte da dissertação do mestrado, bem como sua importância na percepção de novas formas de metodologias de ensino e o entendimento de que estamos diante de algo compartilhável e palpável.

Hoje, esse produto educacional ganha outro formato, ideias e pensamentos. Ele é um caderno com uma proposta de oficina, com encontros e propostas de ações, que têm a intensão de nos levar para uma experiência estética com teatro no chão da escola pública de Ensino Médio, intitulado: *Caderno de Oficina para práticas teatrais: poéticas espontâneas para os entrelugares do Ensino Médio*.

O caderno se atualizou com a leitura e ajustes que venho fazendo nas abordagens e metodologias que eu vinha utilizando em minhas práticas artísticas e docentes, antes do mestrado, em passado recente, compartilhadas nas narrativas presentes nessa dissertação. O caderno foi pensado para uma realidade da escola de Ensino Médio de hoje e deixando de lado uma ideia que eu sempre tive: a de que estava “ensinar teatro”. Agora, eu penso que posso proporcionar uma experiência numa ou para uma prática teatral. Está mais ligado em viver o teatro do que estar ensinando.

É oportuno escrever, aqui, sobre *poéticas da sala de aula*, tema importante para essa pesquisa, abordado e apresentado pelo Prof. Dr. Vinicius da Silva Lírio, da UFMG, ou "Vinicius Lirio - o homem flor", como sugere Marina Marcondes Machado, no prefácio do seu livro. Lírio é, também - digo que por sorte minha - meu orientador de pesquisa. Um orientador excepcional, ético e acima de tudo, generoso. Um artista sensível e atento.

Em seu livro, o estudioso nos apresenta essa abordagem, de forma certa, o que me faz compreender que trazer o assunto para essa investigação significa refletir um ponto que é, de algum modo, uma questão da contemporaneidade, como bem sugere o autor:

A contemporaneidade, para essas poéticas e estéticas, constituiria o “lugar” (tempo-espaço-sujeito) das renovações e/ou revisões cênico-paradigmáticas – que, por sua vez, vale lembrar, não são recentes, na medida em que, no teatro, por exemplo, vêm sendo experienciadas desde o final do século XIX e, mais intensamente, durante o século XX. Diante disso, o contemporâneo seria pensado como espaço-tempo de construção e atualização de saberes, práticas e valores, numa dinâmica que hibridiza caminhos, lugares, tempos (sincrônicos, diacrônicos e anacrônicos) e sujeitos. (LÍRIO, 2020, p. 30)

Renovação, revisão e atualização de práticas. Isso é o que penso ao ler esse trecho. O autor me faz pensar o que é a contemporaneidade, diante das poéticas da sala de aula. Seria, por exemplo, refletir pensar a relação entre sala de aula-lugar-aluno-professor e sua renovação.

Poéticas da sala de aula estaria, também, relacionada a uma atualização sobre múltiplos saberes. Isso nos coloca diante da ideia de que elas fazem sentido por meio de um diálogo entre criação e compartilhamento de conhecimentos, saberes, fazeres, experiências, memórias, de modo coletivo.

Para Lírio (2020, p. 30),

[...] falar em “poéticas da sala de aula” surge de uma reflexão de que parece soar redundante pensar de forma segmentada em processos criativos e de ensino-aprendizagem. Resguardadas as especificidades, todo processo de criação é atravessado por um movimento pedagógico (ou, ao menos, deveria ser), na medida em que implica construção coletiva e compartilhamento de conhecimentos, saberes, fazeres, experiências, memórias etc. Do mesmo modo, todo processo de ensino e aprendizagem, também na sala de aula, configura um processo criativo, já que demanda ação, reflexão, contextualização e o próprio ato criativo, igualmente de maneira coletiva.

Essa reflexão do autor é pertinente porque me provoca a pensar sobre o ato de criar em sala de aula. Para o autor, isso já seria um ato de ensino-aprendizado, e que, portanto, é algo relacionado e não segmentado diante do fazer artístico em sala. Eu diria, ainda, que isso é algo de muita potência.

Compreendo, a partir do que ele diz, que o processo de ensino e aprendizagem na sala de aula é, também, um ato criativo. Hoje, isso se torna algo com sentido, para mim, e fortalece minhas práticas atuais, pois deixa claro

o papel das atividades realizadas em sala. É como ter a consciência do que pode ser apresentado à comunidade escolar.

Ainda em sintonia com esse pensamento, o autor, em outra parte do seu livro, reafirma o que seriam as poéticas da sala de aula:

Essa expressão (poéticas da sala de aula) é desdobramento da compreensão de que me parece redundante abordar processos criativos e de ensino-aprendizado separadamente, como percursos dissociados, que se constituem em espaços-tempos e dinâmicas distintas. Percepção esta que é fruto de segmentações e dicotomias convencionais obsoletas entre prática artística e a pedagógica. Nesse passo, compreendi que, resguardadas as especificidades, toda poética é permeada por um vetor pedagógico (embora, nem sempre, intencionalmente) e, da mesma forma, toda situação de ensino e aprendizagem é atravessada por um processo de criação. (LÍRIO, 2020, p. 58)

O autor destaca, então, que os processos criativos e os processos de ensino-aprendizado dialogam e se relacionam. Nesse sentido, as poéticas serão sempre atravessadas pelo sentimento pedagógico. Nessa perspectiva, Lírio (2020) me apresenta questões que eu consigo relacionar às minhas práticas artísticas e pedagógicas, que, porém, antes da minha chegada ao mestrado, eram desconhecidos por mim e que, agora, entendo-as e posso nomeá-las.

As poéticas da sala de aula seriam, então, como um tensionamento das dicotomias com a qual, muitas vezes, abordamos os processos criativos e de ensino-aprendizado, tomando-os de modo separado. A partir disso, eu me questiono: Então, posso dizer que, se estou em sala de aula como um ator e professor de teatro, estou ali fazendo arte e, ao mesmo tempo, realizando um processo pedagógico. Nesse sentido, estaria já realizando uma poética para a sala de aula, pois, como o autor mesmo diz, poética tem também o seu sentido pedagógico, e, onde tiver ensino e aprendizagem, ali teremos criação.

O autor, como um bom pesquisador-professor-provocador, ainda nos instiga a pensar mais profundamente sobre as poéticas da sala de aula, quando diz:

Poéticas da sala de aula: processos criativos e de aprendizagem entrecruzados; abordagens pedagógicas na sala de aula que gerem interação, ação, reflexão e construção de conhecimentos, saberes e fazeres; a percepção dos sujeitos desse ambiente de aprendizagem em suas múltiplas dimensões (cognitiva, emocional, sensorial, sócio-histórico-política e cultural); e, ainda, o entendimento desse lugar como espaço-tempo dialógico do fazer e do refletir. (LÍRIO, 2020, p. 31)

Eu concordo com autor e compreendendo que a escola é o lugar para isso. E ele completa:

Diante desse reconhecimento, para analisar e interpretar as poéticas em torno das quais se irá investir num mapeamento de seus processos criativos na sala de aula, envolvendo o teatro e a performance, um desdobramento da questão norteadora deste estudo diz respeito a pensar as pedagogias do teatro como guarda-chuvas para as práticas criativas marcadas pela diluição de fronteiras. (LÍRIO, 2020, p. 31)

Assim, Lírio (2020), também, nos apresenta uma possibilidade de relação-envolvimento entre prática teatral e a performance e isso nos sugere romper fronteiras entre as expressões artísticas, na sala de aula. Potência máxima.

Para mim, isso está ainda diretamente relacionado as práticas teatrais dentro da escola, na sala de aula, e nos permite, de forma consciente e intencional, criar essa relação, diálogo entre expressões, o espaço e os sujeitos, criando assim suas/nossas poéticas.

O estudioso também chama nossa atenção em suas abordagens para relacionar nossas práticas diretamente com os sujeitos, saberes, fazeres do contexto escolar. A meu ver, sempre tendo em mente: o refletir-interagir e, assim, chegarmos na criatividade e na invenção.

Acredito que, como ator-professor-pesquisador, estou inserido nesse contexto que ele nos apresenta. E é importante dizer que, quando decidi ingressar num programa de mestrado, eu estava decidindo, além de mudar de cidade, fazer um intercâmbio cultural, encontrar pessoas, estar em outros lugares e, assim, poder me atualizar, como pessoa-artista e professor de teatro.

Posso dizer que concluo essa etapa do meu percurso entendendo ainda mais a responsabilidade que tenho como cidadão, professor e ator, no sentido de entender melhor meu papel social. Também gosto de pensar que minha dissertação é algo inacabado e que rotas e escolhas ainda continuarão comigo. Criando assim minha poética que será compartilhada com a poesia da escola e dos estudantes.

Assim, esse produto contém ideias e propostas que buscam dialogar com o tempo, lugares, corpos e memórias da juventude da escola atual. A partir desse quarteto que elaborei os encontros e a proposta de ações neles. Assim, esse produto é para compartilhar com professores/as possibilidades de práticas

teatrais, em uma rotina escolar, especialmente no contexto do Ensino Médio da rede pública de ensino.

Nessas oficinas, os alunos estarão imersos em um processo de criação artística que pode ser registrado e apresentado para toda a comunidade. Dessa forma, ele nasce na escola e se relaciona com o externo. Isso nos leva a pensar que o produto se alinha, também, a uma concepção de caderno de anotações, de diário, com um teor pedagógico, no qual podem ser incluídos, por quem for utilizá-lo, vídeos, fotos e textos. Se assim os sujeitos desejarem.

Durante esse processo, o professor estará diante de algo em construção e, dessa maneira, é importante valorizar as potencialidades e habilidades dos estudantes. Nesse sentido, o produto traz uma metodologia que valoriza as mais diversas poéticas, podendo integrar o teatro espontâneo, da cultura popular, das comunidades, da rua, do palco italiano ou do Teatro do Oprimido.

Essas são algumas possibilidades, a partir do tipo de teatro que destaquei nessa pesquisa, o teatro que aprendi-ensinando. Mas a proposta é poder ir além, possibilitar que os sujeitos envolvidos na criação artística - alunos e professores - tenham, acima de tudo, liberdade e autonomia criativa, para, assim, poder criar suas próprias poéticas, a partir da experiência aqui proposta.

É importante dizer que esse produto tem muitas inspirações, mas destaco o embasamento teórico-conceitual emergidos durante minha passagem pela disciplina do Promestre, intitulada *Juventudes, escola e relações étnico-raciais*, como já apresentei aqui, no capítulo anterior. De algum modo, esse caderno e as propostas de ações contidas nele, são atravessadas pelas temáticas abordadas nessa disciplina.

Essa disciplina me fez pensar sobre como as poéticas cênicas podem surgir com as juventudes. Como as ações com o teatro, considerando esse público, podem ter como ponto de partida as suas vivências, por exemplo, na escola do Ensino Médio.

É nesse sentido que considero importante que as experiências aqui propostas devam ter, também, como referências de artistas de múltiplas expressões artísticas e culturais. Então, esse caderno tem uma perspectiva

construir experiências estéticas com o teatro na escola, considerando questões de pertencimento e identificação.

A partir disso, ao executar, o professor, deverá ficar livre para usar criatividade e autonomia em propostas que, inclusive, podem não gerar produtos acabados, como imagens, peças e obras artísticas. Para isso, o professor terá, no caderno, após cada exercício, um espaço com um enunciado disparador para registro sua experiência, naquele momento da oficina, e espaços para estimular que, a partir do que ele/a vivenciou, possa esboçar suas próprias propostas de exercícios.

Portanto, nesse produto, há exercícios criados por mim, com temas sugeridos por mim, mas que poderão se adaptar à realidade de cada docente, isto é, ao seu local, tempo e espaço. As atividades aqui sugeridas, por encontro, têm ações orientadas para serem realizadas a partir de comandos e disparadores poéticos, em sala de aula.

Considerando isso, esboço, aqui, algumas especificações para os encontros. É importante que o professor facilitador da oficina pense sobre o quarteto: tempo, lugar, corpo e memória. Onde: o **tempo** é o hoje, o agora e o instante em que estamos; o **lugar** é o contexto da sala de aula-ensaio (que podem ser o pátio, o teatro/auditório da escola, outros espaços de artes convencionais e não convencionais e, também, a rua), da escola, da comunidade; o **corpo**, são dos estudantes, com suas identidades, culturas e expressividades; e as memórias, aquelas das vivências dos sujeitos do processo e aquelas que estão sendo construídas.

### **Estrutura: ações, práticas orientadas, espaço e disparadores poéticos para sala de aula**

O *Caderno de Oficina para Práticas Teatrais: Poéticas espontâneas para os entre-lugares do Ensino Médio* sugere ao professor um roteiro para encontros com interessados em realizar práticas teatrais na escola. Nele, irá encontrar propostas de ações para serem desenvolvidas no cotidiano escolar, que vão ao encontro do que propõe essa pesquisa, quando a processo criativo artístico e experiências estéticas com o teatro.

O objetivo é que essa experiência conduza a uma criação de teatro, com poéticas espontâneas no espaço-lugar da escola, podendo, como um dos resultados, conduzir a um espetáculo para ser apresentado, primeiro, nas dependências dela, para a comunidade escolar e, posteriormente, se assim for possível, para toda a comunidade.

Nós vamos perceber durante a leitura do caderno a seguinte estrutura: **Ações**, que diz respeito ao *que fazer*; **Práticas orientadas**, que seriam sugestões de *como fazer*; **Espaço**, isto é, *onde fazer*, proposta de uso do espaço; **Disparadores** poéticos para a sala de aula, estímulos para se pensar *por meio de que fazer*; além de um **espaço para anotações**, onde o/a docente poderá fazer seus registros e proposições de outros exercícios.

Essa proposta de estrutura do caderno<sup>1</sup> foi pensada como forma de ajudar a sistematizar e organizar os encontros. Vamos ao conteúdo e formato sugerido para a oficinas? Segue abaixo a proposta-roteiro.

## Caderno de Oficinas

### ENCONTRO I

#### **Ação 01:** *Acolher os alunos*

O professor recebe os alunos para o primeiro dia da aula de teatro. É um momento de socialização e desconcentração. Ele pode se repetir nos demais encontros, se assim você preferir.

**Prática orientada:** Pode-se solicitar que todos fiquem em círculo.

**Espaço:** Essa ação pode acontecer na mesma sala onde as aulas irão acontecer ou em outro espaço-espaco da escola, como, por exemplo, um jardim, uma praça ou o pátio.

**Disparador:** Pode-se colocar uma música para tocar<sup>2</sup>. Em seguida, solicitar que os alunos observem a letra da música, o ritmo e perceber o que seu corpo gera de sensações e emoções, ao escutar o som.

---

<sup>1</sup> Futuramente, após a finalização do Mestrado, o caderno irá ser diagramado e ganhará uma versão digital.

<sup>2</sup> Pode-se escolher uma das músicas que cito aqui neste trabalho.

### ***Ação 02: Pegar nas mãos***

**Prática orientada:** Pede-se para que todos, em círculo, se olhem e peguem nas mãos, uns dos outros. Quando estiverem olho a olho com o colega, pedir para cada um/a dizer uma frase de boas-vindas para alguém. Apenas isso. Observar o que pode acontecer.

### ***Ação 03: Alongar***

**Prática orientada:** O foco aqui é despertar o corpo. Deixar todos à vontade. Essa é a hora de espantar a preguiça. A partir da atividade anterior, pedir para irem soltando as mãos, sem perder o contato visual, proponha um alongamento.

### ***Ação 04: Aquecer o corpo***

**Prática orientada:** Dinâmica do corpo solto: após despertar o corpo, esse momento é para intensificar a energia do corpo para a criação. Fazer uma contextualização com o grupo sobre essa tarefa e sobre a importância de alongar e aquecer o corpo antes de entrar em práticas corporais, como as criações em teatro.

A depender da energia do grupo, oferecer um tempo para que eles respirem. Sugerir ao grupo tomar uma água e voltar para o círculo.

**Espaço:** Pedir para o grupo ficar livre pela sala e dizer que irá colocar uma música dançante. Todos podem ficar livres para se mover e dançar.

**Disparador:** Usar música. Sugiro escolher uma das músicas citadas, nesse estudo. Se preferir, apostar em músicas que tenham relação com a cultura do grupo de alunos. Refletir: Que ritmos musicais podem existir na aquele local ao qual a escola pertence? Que músicas pertencem esse lugar? Na comunidade, tem um movimento de grupos de percussão ou samba, por exemplo? Pode-se fazer um medley com vários ritmos e estilos e pedir para que o grupo acompanhe a mudança da música, usando o corpo.

*[Espaço para anotações: registros e outras proposições]*

Aqui, você anotar falas e impressões dos alunos sobre o alongamento e o aquecimento. O que você achar pertinente. Além de possíveis proposições para encontros seguintes, a partir do que foi observado.<sup>3</sup>

**Ação 05:** *Apresentar-se: meu nome em movimento*

**Prática orientada:** Pedir para que todos fiquem no círculo, em seguida, solicitar para que cada participante diga seu nome e, ao dizer, realizar um movimento. Pode ser qualquer um. Sugerir um movimento que tenha relação com o nome ou a vida dele. Brincar com o grupo, usando as possibilidades dos movimentos corporais. Brincar com a espacialidade do lugar, com a ideia de frente, fundo, centro, por exemplo.

Após isso, em círculo, pode-se deixar os/as participantes a vontade para falarem sobre eles/as, na escola e na vida. Lançar questões como: sua idade? Sua turma? Seu bairro? O que gosta de fazer na escola? Em casa?

Após eles/as se apresentarem, é importante que, além dos alunos, você, professor, fale de si, quem é, qual sua relação com a escola, a oficina e o teatro. Além disso, deve também apresentar, para os participantes, o que é a oficina, as propostas para os encontros e qual são objetivos.

**Espaço:** Em círculo.

**Disparador:** Mostrar imagens. Podem ser próprias, da vida, em práticas artísticas, em manifestações culturais etc.

**Prática Orientada 02:** Lançar as questões: por que você está aqui? O que você espera da oficina de práticas teatrais. O que é teatro para vocês? Já foi? O que viu? Quem nunca foi? O que imagina ser? O que tem no teatro? Como é o teatro fisicamente e quais os elementos dele? Estimular a rememorem, imaginarem e, após, para escreverem ou desenharem as suas respostas. Deixar a forma de expressão livre. Oferecer um tempo e na volta converse com eles.

---

<sup>3</sup> Na diagramação do Caderno de Oficinas, haverá um espaço em branco para ser utilizado com esta finalidade. Isso se aplica todas as partes da estrutura em que houver esse "Espaço para anotações".

**Disparador:** Entregar folhas de A4 ou cartolina e canetinhas.

**Ação 06 – Finalizar**

**Prática orientada:** Finalizar o encontro com avisos sobre roupas adequadas para os encontros, horários, a importância da frequência e da pontualidade, por exemplo. Firmar acordos. Fazer os encaminhamentos para o próximo encontro: pedir aos participantes que tragam algo (escrito, falado, desenhado, fotografado, gravado) que viu na rua que imagina ser teatro, de escolha livre. *Importante:* Revisar as necessidades técnicas e os recursos necessários para este encontro, ou seja, o que será utilizado como recurso disparador.

*[Espaço para anotações: registros e outras proposições]*

Aqui você pode registrar aquilo que você considerou importante de acontecimentos no encontro de hoje e que pode ser usado como disparador para os próximos encontros. Combinado?

## **ENCONTRO II**

**Ação 01: Acolher**

**Prática orientada:** Entregar um balão de ar para cada alune. Pedir para cada um/a segurar seu balão e que, ao seu comando (pode-se utilizar música para isso), todos devem jogar seu balão para o ar. A brincadeira consiste em não deixar o seu balão cair no chão. Os participantes não devem perder o seu balão de vista. O objetivo é, também, se movimentar pelo espaço, cuidar do seu balão e perceber o balão dos demais. *Pega balão* é o nome desse jogo. Ele pode descontraír o momento. Explorar as possibilidades da brincadeira.

**Ação 02: Alongar o corpo**

**Prática orientada:** Para estas duas tarefas, pode-se voltar para o encontro I e decidir se repete o que fez lá, ou se propõe algo novo, a partir dele.

Ver o que foi registrado no espaço para anotação, isso poderá auxiliar. O que gostaria de fazer de diferente, no encontro II?

Sugestão: Antes, lembrar de dizer aos alunos que, durante todo o alongamento, deverão permanecer com os olhos abertos e recusar o desejo para o sono. Pedir que os alunos disponham o corpo sobre o chão. Aqui, eles devem dar atenção a cada membro do corpo. Ativar respiração: inspira em 5 tempos e expira em 5 tempos. Ainda no chão e usando todo o espaço, realizar automassagem-corporal.

Sempre os lembrar: manter a respiração e a consciência do corpo.

Movimentando o corpo sobre o chão, levemente, sentindo cada membro do corpo e seguindo as orientações: movimentar cada membro do corpo, do pé ao pescoço, cada um por vez. Orientar para usarem seu próprio tempo para isso. Pedir para movimentar as partes do corpo inferior, média e alta. Solicitar que os alunos mudem de níveis: indo do baixo ao alto, lentamente. Chegando no nível alto, respirar, procurando o desequilíbrio e equilíbrio do corpo. Finalizar lembrando da respiração e da consciência corporal.

**Espaço:** Lembrar de pensar em que espaço você irá realizar essa ação, de acordo com as práticas a serem desenvolvidas. Nesse caso, uma sugestão poderia ser uma sala ampla.

***Ação 03: Aquecer corpo Prática orientada: Trabalhando as velocidades (ritmo) do corpo***

Pedir para que os participantes caminhem pelo espaço, evitando andar em círculo. Estimular que explorem o lugar. Solicitar que sintam o chão, percebam o ambiente. Com um tempo, pedir que eles andem devagar; em seguida, mais lento; e, depois, rápido. Seria o equivalente a: (01) lento, (02) devagar e (03) rápida. Brincar com essa dinâmica, utilizando os números para indicar as velocidades. Lembrar: cada participante tem seu tempo, mas tente trabalhar a coletividade do grupo.

**Disparador:** Antes de começar, pode usar uma música para se aquecer ou conversar caminhando pelo espaço com os participantes, para depois trazer as ações.

**Ação 04: Pausar e conversar**

**Prática orientada:** Fazer uma pausa para respirar, tomar água, pensar no que foi feito. Quando o grupo voltar da pausa, lançar as questões: como foi esse momento para você? O que você sentiu, como seu corpo reagiu durante o aquecimento? Faça um acordo.

**Espaço:** Pode ser em círculo, em pé ou sentados.

*[Espaço para anotações: registros e outras proposições]*

Aqui, você pode anotar as falas e o que os alunos acharam sobre o alongamento e o aquecimento. Bem como suas observações, percepções sobre a prática e sobre o grupo, além de demandas para os próximos encontros. Tudo que chega é poesia! Pense nisso.

**Ação 05: Prática orientada:** A partir do que foi solicitado no encontro anterior - trazer algo escrito, falado, desenhado, gravado que viu na rua, em casa, na cidade, no bairro que imagina ser teatro - colocar isso em pauta. Solicitar que, em círculo e de costas para o centro, todos passem uma bola de mão em mão. Usar uma música e, quando ela parar, quem estiver com a bola em mãos irá mostrar para o grupo o que trouxe. E, assim, sucessivamente. A ação deve terminar quando todos apresentarem o que viram. Sugerir que o grupo guarde suas impressões sobre o que foi apresentado.

Refletir sobre o que foi visto e como isso se reverbera nos próximos encontros.

**Espaço:** em círculo, sentados de costas para o centro.

**Disparador:** Usar uma bola e uma música para mediar a dinâmica do jogo.

*[Espaço para anotações: registros e outras proposições]*

Espaço para escrever aquilo que lhe chamou mais atenção. Pergunte-se: o que disso pode ser importante para o processo de criação artística que você está desenvolvendo com os alunos? Faça seus registros do que foi trazido pelos alunos.

### ***Ação 06: Debatero texto: O ator espontâneo no Teatro do Oprimido<sup>4</sup>***

**Prática orientada:** Considerando o que foi trazido pelos alunos na Ação 05, conversar sobre abordagens do que seria o ator espontâneo no Teatro do Oprimido. Entregar trechos de textos básicos que contenham esse conceito e peça para que, os alunos, em duplas, leiam, discutam e depois compartilhem como grupo.

**Disparador:** Sugiro separar trechos de textos que introduzam abordagens sobre o assunto. Depois da leitura, conversar com eles, levantando questões e fazendo um paralelo com o que eles trouxeram na ação anterior.

### ***Ação 07: Apreciar imagens***

**Prática orientada:** Mostrar imagens de várias formas de fazer teatro: na rua, na escola, no teatro, em espaços não convencionais, etc. Partilhar o universo do teatro para eles.

Para refletir: Qual a relação daquilo que eles trouxeram e mostraram na roda com os textos lidos e as imagens apresentadas?

**Disparador:** Usar um projetor e/ou trazer material impresso para mostrar as imagens. Não se esquecer de ver as necessidades técnicas para este encontro, como datashow, cabo de áudio P2, notebook, caixa de som, as imagens e os textos impressos.

*[Espaço para anotações: registros e outras proposições]*

Espaço para escrever aquilo que lhe chamou mais atenção. Faça seus registros do que foi trazido pelos alunos e possíveis desdobramentos para encontros futuros.

## **ENCONTRO III**

### ***Ação 01: Acolher - Brincadeira: Balde de poeira***

**Prática orientada:** Pedir para que os participantes imaginem que tem um pequeno balde com poeira dentro, em sua frente. A poeira que está dentro

---

<sup>4</sup> Texto em ANEXO.

se transformou em um pó branco (ou você pode pedir para que cada um imagine uma cor).

Você pedirá que todos caminhem pela sala segurando esse balde imaginário com as duas mãos. Sem deixar a poeira cair. Explore o espaço e a imaginação. Com tempo, ao seu comando, você pedirá que eles joguem o pó sobre suas cabeças e que em seguida esse pó precisa que ser retirado e para isso eles devem mexer todo o corpo, dos pés à cabeça, da orelha aos dedos. A intenção é movimentar, acordar o corpo e mente para aquele momento.

### ***Ação 02: Alongar o corpo***

**Prática orientada:** Para estas duas tarefas, você pode voltar para o encontro II e decidir se repete o que você fez lá, ou se propõe algo novo a partir dele. Veja o que você registrou no espaço para anotação, isso poderá lhe auxiliar. O que você gostaria de fazer de diferente no encontro III?

Sugestão: Brincadeira - Somos todas abelhas. Brincar com a possibilidade de que todos são abelhas. Solicitar que se movimentem como tal pelo espaço. Dizer que são várias formas de ser uma abelha. Algumas são lentas, outras rápidas. Sugerir que façam sons, com um tempo. Solicitar que essas abelhas falem. Depois, dizer que, naquele grupo de abelhas, existe uma abelha chefe, e que ela determinará os movimentos e ações de todos o grupo de abelhas. Brincar com as possibilidades do corpo, do espaço. Criar histórias.

### ***Ação 03: Aquecer corpo Prática orientada: Trabalhando os níveis para nosso corpo no espaço***

Pedir para que os participantes caminhem pelo espaço, apenas evite que eles fiquem andando em círculo, indicar que explorem o lugar. Pedir que sintam o chão, percebam o ambiente. Com um tempo, solicitar que eles andem no nível baixo (01), que é como se caminhássemos de cócoras, na velocidade 01 (devagar - lembrar que as velocidades foram trabalhadas com eles no encontro anterior); em seguida, pedir que caminhem no nível médio (02), que é como se a coluna ficasse meio abaixada, como se ficasse no meio do caminho entre o baixo e o alto, pedir que caminhem assim, no modo de velocidade 02 (lento); depois, solicitar que caminhem no nível alto (03), que é o corpo todo e a cabeça levantada, erguida, e no modo 03 de velocidade (rápida). Lembrar: cada

participante tem seu tempo, corpo e ritmo. Brincar com os níveis e as velocidades do corpo.

**Espaço:** Lugar amplo.

**Disparador:** Antes de começar, pode-se usar uma música, para criar um ambiente e, depois, trazer as ações.

*[Espaço para anotações: registros e outras proposições]*

Nos encontros, nós viemos trabalhando ações para preparação corporal. Pensar sobre como o corpo é importante para as práticas teatrais e para a vida, de modo geral. Então, anotar aquilo que achar potente do que tiver surgido nessas práticas, para ser explorado no processo criativo, que estão experienciando.

**Ação 04:** *Construir uma história*

**Prática orientada:** Agora, começar a montar-criar um esquete (ou várias esquetes). O tema dela virá das histórias trazidas de casa, referente a Ação 05 do Encontro II. Dividir a turma em grupos, os quais deverão construir uma história a partir das imagens trazidas. Os participantes podem escolher uma ou podem juntar todas e criar uma nova, mas essa história deverá ter: começo, meio e fim. Ela também deverá ter um lugar e personagens.

Oferecer um tempo para eles se organizarem e conversarem num lugar que eles acharem conveniente, dentro da realidade do prédio da escola e de sua organização. Mediar essa criação, orientando a estrutura dramática e a montagem das cenas. Após isso, criar o espaço para compartilhamento dos esquetes montados com a turma. Após a apresentação de todos, pode-se abrir uma roda para conversa sobre as criações e apresentações. Organizar falas e o uso do tempo.

O objetivo principal é fazer com que os participantes dialoguem sobre as histórias, criem as suas em grupo e tenham uma experiência de criação em teatro.

**Disparador:** Pedir para os participantes trazerem, no próximo encontro, um objeto que eles consideram especial em sua vida. Ele será utilizado como

recurso cênico para criar cenas. Não precisar dizer que será para criar cenas, é apenas um disparador.

*[Espaço para anotações: registros e outras proposições]*

Espaço para você escrever sobre a experiência de criação com a turma. Faça seus registros do que foi criado pelos alunos e possíveis desdobramentos para encontros futuros.

## **ENCONTRO IV**

***Ação 01: Acolher- Brincadeira do rock – Alongar e aquecer***

**Prática orientada:** Ao som de um rock, principalmente que destaque a bateria, solicitar que os participantes, escute o som. Com o tempo, pedir que acompanhe a música como se ali cada um tivesse uma bateria imaginária. Pedir que mostrem e tragam para a brincadeira, os movimentos corporais de um baterista.

Primeiro a cabeça, depois os pés e depois os braços. Assim, movimentar o corpo todo.

Mais uma vez, trabalhar o ritmo, o som, o espaço, a verdade e a imaginação.

***Ação 02: Apresentar objeto***

**Prática orientada:** Pedir para que o grupo fique em círculo ou, se preferir, montar um esquema de palco e plateia. O mais importante é definir um espaço para apresentação dos trabalhos. Dizer para o grupo que, aqueles que desejarem, poderão ir ao centro do lugar de apresentação para falar um pouco sobre o objeto trazido. O importante é expressar o sentimento sobre aquele objeto. Lançar perguntas como: por que você o trouxe? Qual a sua relação com ele? Que relação ele tem com o trabalho que estamos desenvolvendo nesta oficina? Deve-se estimular o aluno a falar sobre o objeto trazido, os sentimentos, significados, representações etc.

**Espaço:** Disposição em círculo ou no formato palco e plateia.

**Ação 03: Improvisar: objeto ao averso**

**Prática orientada:** Dividir o grupo em duplas ou trios. Se alguém quiser ficar sozinho, possibilitar criar dessa maneira. O mais importante, agora, é apresentar o objeto trazido, mas, dessa vez, dando outro significado para ele. Questionar: O que esse objeto pode ser, além daquilo que ele é? Como o objeto pode se inserir numa cena de teatro? A intenção é brincar com isso.

*Importante:* Nesse momento, não irá montar cenas, apenas as imaginar. No próximo encontro, esse jogo pode continuar.

**Ação 04: Finalizar**

**Prática orientada:** Para finalizar este dia, conversar com o grupo sobre a Ação 01. Deixá-los livres para expressar sensações, ideias e motivações. Como o som do rock e da bateria chegaram no corpo? Como o corpo reagiu diante do estímulo da música? Perceberam o ritmo, o som, o espaço, a verdade nas ações feitas? Como é trabalhar com a imaginação? Na Ação 02, tivemos algo concreto que é o objeto trazido. Refletir com eles sobre esse objeto no espaço e os sentimentos que isso gera.

Já na Ação 03, aconteceram os improvisos. Como foi dar outro significado para o objeto?

**Disparador:** Pedir para trazerem o objeto novamente no próximo encontro.

*[Espaço para anotações: registros e outras proposições]*

Espaço para escrever aquilo que lhe chamou mais atenção e pode contribuir para a criação dos esquetes, por exemplo. Faça seus registros do que foi trazido pelos alunos e possíveis desdobramentos para encontros futuros.

**ENCONTRO V**

### ***Ação 01: Acolher -Alongar e aquecer***

Este é o quinto encontro, a metade da oficina. Acolher os participantes com um professor convidado. Esse docente pode ser um artista da dança, por exemplo. Ou um professor de capoeira, outro exemplo. Perceba que trabalhamos, até aqui, ritmos, movimentos, objetos e criação. A ideia é que esse professor trabalhe de forma consciente e, especificamente, o corpo, seja com um hip-hop, um forró ou um ritmo presente na comunidade onde a escola se localiza. Com isso, dialogar diretamente com a dança e corpo e prepará-lo para as próximas ações. Experimentar.

### ***Ação 02: Criação de esquete***

**Prática orientada:** Dividir o grupo em duplas ou trios. Dividir o grupo em duplas ou trios. Se alguém quiser ficar sozinho, possibilitar criar dessa maneira. Nesse momento, já haverá um desenho de cenas a partir das histórias trazidas nos encontros anteriores. Essas cenas poderão se transformar em um esquete ou até mesmo num espetáculo de teatro. Para avançar, questionar: como o objeto pode se inserir numa cena de teatro. A intenção é brincar com isso. Pedir para as equipes construírem um esquete com começo, meio e fim, como proposto e orientado no Encontro III, mas, agora, integrando o objeto.

### ***Ação 03: Discutir e ajustar***

**Prática orientada:** Depois que os grupos mostrarem suas ideias em formato de esquete, discutir o que pode ser modificado e melhorado, bem como, qual seria um formato para uma apresentação dela e se há interesse na turma para isso. O mais importante aqui é o debate, a discussão e a reflexão sobre a experiência de criação de cada um/a que essa prática pode causar.

Disparador: Observar e anotar.

### ***Ação 04: Finalizar***

**Prática orientada:** Conversar sobre este encontro, focando no que irá acontecer nos próximos. Refletir sobre como a prática de hoje pode estar presente nas experiências futuras com o grupo. Interessante pensar sobre as relações entre o corpo, os objetos e as cenas. O objetivo é fazer um levantamento do que está sendo vivenciado para assim destacar nisso um

processo de criação de estéticas e poéticas próprias. É muito importante se ouvir e entrar em acordos. Fazer uma peneira. Se possível retomar o texto estudado.

*[Espaço para anotações: registros e outras proposições]*

Espaço para escrever aquilo que pode contribuir para o desenvolvimento dos esquetes. Faça seus registros do que foi trazido pelos alunos e possíveis desdobramentos para encontros futuros.

## **ENCONTRO VI**

### **Ação 01: Acolher – Brincadeira quadros das emoções**

**Prática orientada:** Estamos trabalhando, nestes encontros, corpo e criação. Estamos improvisando. Vamos agora brincar com emoções, como tristeza, alegria, raiva e medo. Desenhe no chão um quadro e o divida em quatro partes. Cada uma delas é uma emoção. Pedir que os alunos caminhe por elas e ao seu comando, pare em um dos espaços do quadro-emoção e mostre, sem usar a voz, apenas o corpo, o que está sentido. Brincar e explorar essa brincadeira. Antes de tudo, pedir que os alunos, ao seu modo, alonguem e aqueçam o corpo. Se possível, por uma música.

Ao fim, perceba o material que foi construído e tente juntar com o que já existe para assim prosseguir o processo.

*Importante:* Pensar na ideia de um percurso, de uma trilha. Precisa-se tomar decisões, mudar rotas e realizar manobras para o objetivo principal. Veja que elementos e recursos se têm para chegar ao final do percurso das oficinas.

### **Ação 04: Criação de esquete - processo final**

**Prática orientada:** Nesse momento, já há a noção de cenas com uma possível dramaturgia, os objetos, o lugar e público. Para continuar a criar a esquete, pedir que os alunos acessem as referências e inspirações de encontros anteriores, as imagens e nos objetos, juntamente com as histórias.

**Ação 05:** *Discutir e ajustar*

**Prática orientada:** Depois que os grupos mostrarem suas ideias atualizadas para a esquete, observar, registrar e propor ajustes em diálogo com a turma.

**Ação 06:** *Finalização*

**Disparador:** Conversar com o grupo.

Refletir: A partir desse encontro, pode-se apresentar o trabalho que está sendo construído para a escola? Do que será necessário, além da participação e dos estudantes? Precisa de figurino? De iluminação? De maquiagem? É hora de criar, brincar com os elementos da cena, com o material que vocês se têm em mãos.

**Disparador:** Para os próximos encontros, visualizar, com o grupo, encontros onde se possa criar uma dramaturgia-roteiro que vá ao encontro do que se está experienciando. Se possível, criar personagens, definir espaços e ações. Lembrar das músicas e exercícios, aqui, explorados, trazendo-os juntos ao corpo e aos objetos.

*[Espaço para anotações: registros e outras proposições]*

Espaço para escrever aquilo que pode contribuir para o desenvolvimento do que pode ser apresentado - se for o caso. Faça seus registros do que foi trazido pelos alunos e possíveis desdobramentos.

**ENCONTROS VII, VIII, IX e X - Final do processo**

**Ação:** Finalizar roteiro, realizar ajustes e ensaiar

**Prática orientada:** A partir dos encontros anteriores, para esses agora, encaminhar a finalização do roteiro com os esquetes, fazer os ajustes necessários e realizar os ensaios para uma possível apresentação. Fazer uma lista de materiais técnicos e cênicos que poderão ser atualizados.

**Disparador:** Observar todo material construído, até aqui, definir texto, figurinos e maquiagem, se for o caso. Escolher um local na escola para apresentar o trabalho - se for uma decisão da turma.

Se for possível, dividir a turma em grupos, trios ou duplas. Demandar tarefas, por exemplo: Quem pode cuidar do texto da obra? Quem pode realizar um exercício corporal antes dos ensaios? Quais alunos querem pensar sobre a eliminação da obra? É hora de dá o protagonismo, criar e usar as possibilidades, até aqui, estudadas.

### **Texto sugerido para Encontro II**

Segue um texto como sugestão que aborda o Teatro do Oprimido, de autoria de Paulo Ess (2014, p. 113-124), o qual compõe o seu livro *De Corpo Aberto*.

#### **O ator espontâneo no Teatro do Oprimido**

Termo sugestivo e, ao mesmo tempo, polêmico, a nomenclatura Teatro do Oprimido designa o que seria essa prática teatral. É uma expressão artística de cunho histórico e político, criado pelo dramaturgo brasileiro Augusto Boal, no final da década de 1950 e inícios de 1960, que expressa seus pensamentos teóricos e práticos. Ao longo desses anos, Boal foi aprimorando sua técnica, através das experiências que realizava com grupos populares.

Ele desejava que qualquer pessoa que sentisse vontade de fazer teatro, tivesse acesso a isso através das técnicas que ele desenvolveu. O Teatro do Oprimido representa o todo dessa prática teatral, em que estão incluídas as vertentes: Teatro Jornal, Teatro Legislativo, Teatro Invisível, Arco Iris do Desejo, Teatro Imagem e Teatro Fórum.

Esse tipo de teatro emprega uma linguagem genuinamente política, a qual qualquer grupo social (prostitutas, indígenas, profissionais liberais, trabalhadores do campo, religiosos, homossexuais etc.), poderia praticar com a intenção de abordar questões de importância para cada um deles. Seu objetivo é levantar questões a respeito de um tema e buscar saídas da situação opressora. É um teatro feito por todos os oprimidos e por classes oprimidas, sem a preocupação de gênero nem raça (BOAL, 1990b).

(...)

Augusto Boal caracteriza seu teatro como uma técnica própria de intervenção social e política. Um teatro de revolução, que incentiva o oprimido a

lutar por sua libertação e a denunciar sua condição, com o objetivo de encontrar saídas desse estado opressivo.

O autor argumenta que essa prática teatral, acessível a todas as pessoas, representa a discussão de temas vividos por todos. Considera ainda que seu teatro pode ser exercido e desenvolvido por qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo, pois fala a língua do ser humano.

O Teatro do Oprimido é um tipo de teatro que está sendo, de fato, reconhecido em todo mundo, com realizações anuais de festivais em diversas partes do mundo, com um calendário vasto de atividades, que vão desde as marchas de protesto, caminhadas, a debates e exposições sobre as práticas desse teatro.

O dezesseis de março é considerado o dia internacional do Teatro do Oprimido, por tratar-se do dia de nascimento de Augusto Boal. Nesse dia, ocorrem várias comemorações em vários países. Nesse dia, ocorrem várias em vários países.

O Teatro do Oprimido transforma o espectador em um protagonista do espetáculo, retirando-o de sua passividade. Observamos como pontos positivos, a capacidade que essa técnica tem de possibilitar a qualquer pessoa o acesso à linguagem teatral e a importância que se dá ao público.

Para Boal (2006), todos os que ali estão presentes na plateia, não são somente pessoas que assistem a um espetáculo, mas sim, seres ativos. Pensando assim, cada pessoa, quando participa do espetáculo, é um espectador, e quando sente necessidade de interferir na cena, transforma-se em ator, assumindo uma duplicidade. Por conta disso, o autor criou a designação espectador.

Os exercícios aplicados em uma oficina de teatro envolvem situações sociais e políticas, que são capazes de transformar as atitudes dos participantes. Treinamentos de equilíbrio, ritmo, jogos de integração, elaboração de cenas e reação de personagens por meio de imagens, são exercícios que colocam o corpo do participante, em diversas formas de expressão corporal.

A esse conjunto de exercícios, Boal chama de "arsenal" e distribuiu-os e em exercícios de ritmo, aquecimento muscular e de imagem. A metodologia composta por esses exercícios e jogos na prática se desenvolve por meio de

oficinas, seminários e laboratórios. Sua função é divulgar; avaliar e discutir a projeção dessa técnica, possibilitando que cada participante reflita sobre suas relações sociais e políticas. Nessa relação, estão incluídas as histórias do oprimido e do opressor.

O objetivo do Teatro do Oprimido é trabalhar com as minorias do Brasil e incluí-las na sociedade à qual pertence, permitindo-lhes interlocução. Além de aplicar essa técnica, em mais de cinquenta países, o Centro do Teatro do Oprimido, no Rio de Janeiro, CT0-Rio, realiza capacitação para multiplicadores desde 2001, em sua própria sede ou pelos diversos estados e municípios do Brasil.

A estética do Teatro do Oprimido possui função básica que mobiliza essa expressão artística e se traduz em estilo de atuação popular. Percebendo a dinâmica dessa "ação", a estética surge quando todos a praticam. Qualquer que seja a função do participante nos espetáculos do Teatro do Oprimido, ele tem a essência do material teórico que definirá a linha estética de cada espetáculo, como mostra seu criador

(...)

Boal sugere que os temas das improvisações sejam retirados de jornais do dia, a fim de facilitar o debate ideológico e político. Os temas serão contextualizados com os problemas individuais. Ele explica o Teatro do Oprimido de maneira conceitual, começa pela estrutura, onde a "vontade" é primordial ao ator, para "querer" o personagem.

Essa busca pelo personagem deve ser dinâmica e de conflito. Na visão do referido dramaturgo, toda ideia pode ser teatral em sua forma concreta em relação com a vontade, ou seja, a ideia principal do espetáculo deve ser exposta, para deduzir as ideias importantes de cada personagem. Sua estética está baseada na investigação de maneira experimental e fundamentada na certeza de que todas as pessoas são melhores do que imaginam ser e podem fazer mais do que podem imaginar.

Os temas estimulam os participantes a desenvolverem suas qualidades de conhecimento do mundo e as possibilidades de transmiti-los aos outros. A estética do Teatro do Oprimido desenvolve-se em quatro pontos: palavra falada / escrita, imagem, som. Através da palavra falada / escrita, são desenvolvidos

poemas, relatórios dos momentos vividos que caracterizam o dia a dia do participante. São artigos, histórias, relatórios sobre os espetáculos.

(...) O Teatro do Oprimido é um sistema que começa a partir de uma ação real e viabiliza a intervenção espontânea dos espectadores e atores. Nesse método, os espectadores estão livres para intervir diretamente na cena, mudando sua trajetória de ação. O objetivo dessa atitude é permitir que o espectador, a partir de sua intervenção, possa observar, entender e buscar as alternativas de mudança dessa realidade.